

Gestão empresarial da vida: a conduta neoliberal

Aldo Ambrózio. *Empresariamento da vida: a função do discurso gerencialista nos processos de subjetivação inerentes à governamentalidade neoliberal*. Curitiba: Appris, 2018, pp. 211.

Tony Hara

Tony Hara é jornalista-historiador. Autor de *Saber noturno: uma antologia de vidas errantes* (Ed. Unicamp, 2017) e *Ensaio sobre a singularidade* (Intermeios, 2013).

Contato: hara.tony@gmail.com.

Logo no início da obra, o psicanalista Aldo Ambrózio diz a que veio: “A pesquisa que embasou a escrita deste livro amplia uma inquietação presente na minha constituição subjetiva: trata-se da relação cambiante e complementar entre poder e vida”(p. 27).

Gosto muito quando um autor experimenta através do pensamento e da escrita um problema *pessoal*, concreto. As pesquisas desse tipo – que encarnam as inquietações do próprio corpo que pensa e sente –, produzem no leitor não só o alívio do entendimento, mas também um certo tipo de encorajamento para enfrentar as dores e os rigores de uma transformação, seja no plano individual ou coletivo.

O problema colocado por Aldo

na arena do pensamento é difícil, angustiante, pesado. Trata-se da captura da vida, da potência de uma vida singular, pelos dispositivos do poder atuantes agora em nossa era neoliberal.

O jogo de fuga e captura começa pela tentativa de apreensão conceitual do alvo, da força que os poderes querem capturar e dominar. No primeiro capítulo da obra lemos um apaixonado elogio à vida que se afirma na diferença, na vontade de criação, nas intensidades que atravessam o corpo aberto aos encontros com o Fora e com o Outro. Na companhia de Deleuze e Foucault, o autor visita Zaratustra de Nietzsche, o corpo de Artaud, as pré-coisas de Manuel de Barros, a barata de

Kafka; e há uma conversa sobre aquilo que se quer domesticar. “O importante nesse levantamento de maneiras de pensar a vida – escreve Ambrózio – é que ela nunca perdeu, para Deleuze e também para Foucault, o aspecto da plasticidade e da produção de diferença” (p.86). Daí a conclusão de Aldo: “participar do movimento da vida é estar aberto a encontros que proporcionem a criação de novas formas de participar desse mesmo movimento da vida. Vida é potência criativa que nos impulsiona a arriscar-se, mesmo inconscientemente, em um processo de desterritorialização” (p.87).

As estratégias do poder para a captura, condução e controle dessa vida que vibra é o tema do segundo capítulo do livro. Ambrózio investiga os artefatos de análise criados por Michel Foucault entre os anos 1975 e 1980. O Foucault do poder pastoral, do biopoder, da governamentalidade. As principais obras desse período – *Vigiar e punir* (1975), *A vontade de saber* (1976), *Em defesa da*

sociedade (1975-76), *Segurança, território, população* (1977-78) e *Nascimento da biopolítica* (1979-80) –, são usadas como ferramentas para a interpretação da governamentalidade neoliberal que domina o tempo de agora. Mais do que uma teoria econômica que prega a maximização da concorrência e do livre-comércio, o neoliberalismo é entendido como um modo de gestão social e de produção de formas de vida de acordo com um ideal empresarial.

Ao esquematizar as mutações nas formas do exercício do poder a partir das pesquisas de Michel Foucault, o autor esclarece como chegamos ao discurso gerencialista, à conduta neoliberal. Do poder disciplinar que incitava o surgimento de sujeitos dóceis e produtivos em instituições fechadas como as fábricas à governamentalidade do tipo neoliberal que submete a sociedade à dinâmica concorrencial, à lógica da empresa que toma o mercado como princípio regulador e enformador da sociedade. Esse é o percurso analisado pelo pesquisador.

Essa nova “sociedade empresarial”, captada por Foucault no estudo sobre neoliberalismo norte-americano, vai exigir a configuração de um novo sujeito, de uma nova forma subjetiva. E aqui o psicanalista (graduado e com mestrado em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo) coloca em cena o problema vital e angustiante: “É no processo desencadeado por esse elo entre a governamentalidade neoliberal e o corpo dos sujeitos contemporâneos que localizamos o empresariamento da vida. Para competir cada vez mais acirradamente os sujeitos têm de tomar como princípios de constituição de si os enunciados propagados pela gerência, tornando suas vidas uma aplicação de um tipo de capital que é atualmente denominado ‘capital humano’. Para que as formas ‘empresa’ possam se difundir por toda a sociedade, faz-se necessário que a própria vida individual passe a ser percebida como um tipo específico de capital; um capital que se acumula na forma de uma melhor aptidão, de uma melhor capacidade, de

uma melhor competência para se auferir no futuro uma determinada remuneração, ou seja, faz-se necessário um investimento em si por si nos moldes de um capital humano para que o sujeito torne-se competente o bastante para auferir uma renda no espaço emoldurado da concorrência artificialmente criado pela ação governamental. O que, com efeito, cria a obrigação de cada sujeito conceber-se como um empresário de si mesmo” (p. 161).

O assassinato da velhota agiota e mesquinha Aliena Ivánovna, personagem do romance *Crime e castigo* de Dostoiévski, abre o último capítulo do livro intitulado “Genealogia de uma jaula”. A atmosfera dessa conclusão é de rebelião, *re-bellum*: desejo de que a guerra possa ser retomada, de que a guerra recomece, de que os vencidos se recomponham e reconstruam a sua força coletiva numa luta contra essa nova forma de servidão voluntária.

Aldo Ambrózio analisa de forma sucinta o discurso gerencialista produzido na academia; analisa

também autores de livros de autoajuda gerencial que se tornaram *best-sellers* no Brasil e no mundo. No final das contas, o autor destaca “a grosseria das narrativas” desses livros de autoajuda em que a vida é resumida e se esgota na pretensão de acumular riquezas. Mas desse universo limitado dos consultores empresariais, pregadores do sucesso a qualquer preço, o psicanalista extrai uma lição importante: o desempenho do medo e da inveja como moduladores subjetivos, como operadores da conduta individual.

Esses afetos tristes nos conduzem à linha de montagem da megamáquina imperial produtora de sujeitos competitivos, flexíveis, aptos a governarem a si mesmos de acordo com as leis e demandas flutuantes do mercado. Por medo do fracasso, da miséria, do outro que se encontra do lado de lá do muro do condomínio; por inveja

da grama verde do vizinho, dos sujeitos-mercadorias que exibem suas conquistas nas redes sociais, entramos de cabeça na concorrência por um lugar ao sol na sociedade empresarial.

A *jaula subjetiva* é feita desse material. Afetos tristes que afastam o sujeito de si mesmo, de seus próprios desejos, conflitos e angústias. Não há uma única chave micha que sirva para todas as fechaduras. Talvez estejamos condenados a investigar de forma meticulosa o segredo da jaula em que cada um de nós se meteu, a fim de inventar uma saída, um *click*, uma chave pessoal que nos abra para o Outro, para o Fora, para o intempestivo da vida não administrada.

A leitura do livro de Aldo Ambrózio é um bom começo para esse tipo de investigação difícil, mas bem possível.